

partir da técnica de análise de conteúdo, dedutivamente. As categorias foram baseadas em construtos da Terapia Familiar Estrutural, teoria utilizada como referencial deste estudo, sendo estas: Definição de família, Configuração familiar e Estrutura familiar. Em relação à primeira categoria, os participantes relataram a coexistência de critérios tradicionais (consanguinidade e parentesco) e contemporâneos (vínculo e afeição) para a definição de família. Na segunda categoria destacaram que o arranjo da família não influencia seu funcionamento e que as configurações contemporâneas devem adquirir maior visibilidade e legitimidade. Na terceira categoria, o grupo leigo destacou embates entre as gerações mais jovens e mais antigas da família, em que estas resistem às mudanças de regras e papéis que aquelas pretendem implementar. O grupo de terapeutas baseou-se na experiência profissional para relatar o mesmo choque de gerações destacado pelos leigos. Em suma, ambos os grupos apresentaram perspectivas semelhantes apesar da heterogeneidade dos participantes. Este resultado pode relacionar-se ao momento de transição que as famílias vivenciam, pois se infere que estejam caminhando de um padrão único de família para o reconhecimento de padrões múltiplos de configuração e estrutura.

4797558 - DIFERENÇAS DE GÊNERO NA PARENTALIDADE: UM ESTUDO COMPARATIVO DA REGULAÇÃO EMOCIONAL ENTRE PAIS E MÃES

*Ana Carolina Maffazioli (UFES), Ana Cristina Barros da Cunha (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro),
Claudia Broetto Rossetti (UFES), Nádia Boldi Coutinho (UFES), Silvia Lorenzoni Perim Seabra (UFES),
Daniela Dadalto Ambrozine Missawa (UFES)*

A parentalidade é vivenciada de maneiras distintas pelo pai e pela mãe, tanto por questões sociais quanto históricas. Diferente da mãe, que, historicamente, representa a cuidadora principal com maior impacto para o desenvolvimento dos filhos, o pai passou a ocupar esta função somente a partir de 1980. Com as diferenças na função de cuidador de acordo com o gênero, existe outro fator relevante estudado atualmente: a coparentalidade, ou seja, a interação entre o pai e a mãe no exercício compartilhado dos seus papéis de cuidadores. A coparentalidade, quando positiva, contribui para um apego seguro e, conseqüentemente, para o desenvolvimento sócio afetivo da criança. Considerando que a regulação emocional, tanto materna como paterna, é fundamental para o exercício da coparentalidade e tem impacto para o desenvolvimento infantil, o objetivo desta pesquisa foi comparar a regulação emocional entre pais e mães a fim de discutir sobre as diferenças de gênero na parentalidade. Método: Com base em estudo descritivo exploratório, dados de regulação emocional de cinco pais e mães com filhos entre dois e onze anos de idade foram coletados por meio da Escala de Regulação Emocional de Pais (EREP), que avalia quatro aspectos da regulação materna\paterna no exercício da parentalidade: 1) orientação às emoções da criança; 2) evitação das emoções da criança; 3) falta de controle emocional; e 4) aceitação das emoções, tanto próprias quanto as da criança. Os dados foram analisados descritivamente, através de médias, para comparar indicadores de regulação emocional entre os pais e as mães. Resultados: A média das mães foi superior à dos pais nos quatro aspectos da regulação emocional parental avaliados pela EREP. Discussão: Os achados sugerem existir maior dificuldade dos pais na regulação de suas emoções no exercício da parentalidade, o que pode ser explicado pelas diferenças de gênero na regulação emocional. Estudos sugerem que, culturalmente, mulheres são incentivadas a expressar sentimentos, enquanto homens aprendem a minimizar o que sentem e suprimir suas emoções. Conclusão: Face a escassa literatura sobre regulação emocional materna e paterna relacionada à parentalidade, conclui-se ser necessário mais pesquisas para investigar os fatores relacionados às diferenças de gênero no exercício da parentalidade e discutir sobre seus efeitos no desenvolvimento infantil a fim de propor intervenções para uma prática parental positiva.

9992162 - O QUE DIZEM AS CRIANÇAS SOBRE A GUARDA DOS FILHOS APÓS O DIVÓRCIO DOS PAIS? UMA PROPOSTA DE AVALIAÇÃO.

Camila Bianca Rodycz (UFRGS), Adriana Wagner (UFRGS)

Introdução: este trabalho insere-se num projeto de pesquisa qualitativo exploratório que visa a investigar as percepções de crianças sobre a guarda dos filhos após o divórcio dos pais, independentemente de sua configuração familiar. Em particular, visa a investigar as percepções de crianças sobre o exercício da coparentalidade no contexto do divórcio. Pretende-se, assim, dar voz aos principais atores interessados nesta questão, o que tem sido negligenciado nas pesquisas. Contudo, para que seja possível dar voz às crianças, é necessário elaborar estratégias adequadas para captar suas falas. Os maiores desafios são superar a desigual relação de poder entre pesquisador/adulto e participante/criança e utilizar recursos adequados para estimular a sua expressão. Objetivo: Construir um instrumento que propicie a expressão das crianças quando o tema é a guarda dos filhos após o divórcio dos pais. Procedimentos: Inicialmente, desenvolvemos um roteiro semiestruturado de entrevista individual utilizando histórias fictícias ilustradas. As histórias são estímulos lúdicos e que fazem parte do universo infantil, e sua utilização visa a minimizar o constrangimento que uma entrevista direta com a criança pode causar. Além disso, com a utilização das histórias, pretende-se introduzir o tema da pesquisa e exemplificar situações experimentadas por crianças que vivem sob guarda unilateral ou compartilhada, pois muitas crianças podem não conhecê-las. A versão inicial deste roteiro de entrevista foi submetida à avaliação de três especialistas: uma psicoterapeuta com experiência no atendimento a crianças; uma psicóloga perita